Eixo 7- Presencias “invisibles” en la historia de la educación: estudios de género, etnia y religión

VIDA E MEMÓRIA: REGRESSO À ESCOLA AOS 80 ANOS DE IDADE

Dayane Freitas de Lourdes[1]

O artigo: “Vida e memória: Regresso à escola aos 80 de idade”, faz parte de reflexões e pesquisas sobre a mulher no espaço público. As mulheres negras e pobres ao longo da história brasileira foram marcadas pela segregação, além de serem invisíveis nos registros históricos. O objetivo do referido artigo é dar visibilidade à história de vida da Senhora Alzira Maria Theófilo, uma mulher anônima; uma história menor; pobre, negra e que volta à escola aos 80 anos de idade, para redesenhar a história de si. As problemáticas são: Quais os motivos que fizeram a Senhora Alzira Maria Theófilo afastar-se da escola em sua juventude? Por que regressou à escola aos 80 anos de idade? Como foi a experiência no espaço escolar aos 80 anos de idade? Quais os desafios encontrados nesse retorno? A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa através da ferramenta da entrevista, em que a história oral é colocada em destaque e importância para obter os dados da pesquisa, além do uso de fontes documentais. As fontes e aporte teóricos foram: Perrot (2005), Louro (2014), Saffioti (2013), Arendt (2007), Halbwachs (2006),Bosi (2003) e Ricoeur (2007) entre outros. As principais conclusões dessa investigação são: mesmo tendo o direito a educação negada pelas teias sociais e pelo matrimônio, muitas mulheres não desistiram de exercer o direito de estudar, assim, a Senhora Alzira Maria Theófilo, aos 80 anos de idade, retornou à escola para assumir um direito negado, provando para si que sua história de letramento apenas fora interrompida, jamais anulada, e mesmo diante dos desafios e do tempo perdido a escola é um espaço de significação e identidade, sendo assim, voltar para a escola fora uma ato simbólico de resistência, uma tentativa de dizer que não desistiu de alcançar seus ideais; um ato, uma ação e um grito, que permanece denunciando, em pleno século XXI, que qualquer mulher tem o direito a estudar.

[1]Professora formada em Letras e Pedagogia, pela Universidade Estadual de Mato Grosso, aluna do mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e membro do grupo de estudos “Gênero, vida e ação: memórias de docentes atuantes na política”, coordenado pela Doutora Marlene Gonçalves da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT.